



## ***Fake News* e desinformação em tempos de Transtorno da Personalidade**

### **Antissocial**

*Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua 'política geral' de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro*

FOUCAULT, Michael

### **Haroldo da Silva**

Doutorando em Ciências Sociais – Política – pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Bolsista da CAPES

Mestre em Desenvolvimento Econômico pela Universidade Federal do Paraná (UFPR)

E-mail: [haroldoeconomista@gmail.com](mailto:haroldoeconomista@gmail.com)

## **Resumo**

Esse artigo busca tratar das conexões entre as Fake News e a Desinformação e os seus impactos e desafios na contemporaneidade. Por meio da devida conceituação dos temas inerentes, o artigo pretende lançar luz sobre como a desinformação tem sido utilizada, no meio político, num contexto de pós-verdade e mesmo de negacionismo. Desde narrativas inverossímeis, até questões absurdas – do ponto de vista da ciência e do conhecimento acumulado – têm sido utilizadas por grupos de interesse bem definidos. Por meio de questões estruturadas que refletem o diagnóstico clínico do Transtorno da Personalidade Antissocial (TPA), nota-se que há um maior risco ainda sobre os efeitos da desinformação em um ambiente no qual 4% da população mundial tem algum nível de sociopatia.

**Palavras-chave:** Fake News; Desinformação.

## **Abstract**

This article seeks to address the connections between Fake News and Disinformation and their impacts and challenges in contemporary times. Through the proper conceptualization of the inherent themes, the article intends to shed light on how disinformation has been used, in the political environment, in a context of post-truth and even negationism. From unlikely narratives, to absurd questions - from the point of view of science and accumulated knowledge - they have been used by well-defined interest groups. Through structured questions that reflect the clinical diagnosis of Antisocial Personality Disorder (APD), it is noted that there is an even greater risk of the effects of disinformation in an environment in which 4% of the world population has some level of sociopathy.

**Key words:** Fake News; Disinformation.

## Introdução

Não há como deixar de concordar com a declaração do presidente Bolsonaro, em 22 de junho de 2020, à *Bandnews*: “Nossa imagem não está muito boa aí fora por desinformação”. Desinformação tem um aspecto polissêmico. Apesar de estar correto na conclusão, o mandatário está distorcendo a origem da causa sobre a má imagem que estrangeiros têm, atualmente, do Brasil.

Ao contrário do que afirma o presidente, a desinformação sobre o Brasil talvez ajude em não piorar a imagem do País, frente ao mundo. Basta ver que na reunião ministerial – se é que se pode tratar daquele encontro que mais parecia uma aglomeração de militantes, do que reunião – que foi juntada aos autos da investigação sobre a intromissão dele na Polícia Federal, o ministro do Meio Ambiente, opróbrio, declarou que seria o momento de “passar a boiada”, numa referência ao aniquilamento de normas protetivas e disciplinadoras da ocupação de terras. Assim, se “lá fora” essa informação chegasse, devidamente decodificada, a todos, o Brasil sofreria ainda mais repúdio na comunidade internacional. Isto é, estaríamos piores ainda, se não houvesse desinformação, no sentido de ausência de informação, não no de informação distorcida para prejudicar o seu governo, conforme alega.

Como se vê, não são temas simples de serem tratados. Não é por outra razão que muito se têm escrito sobre o assunto e discutido. O tema se faz presente até mesmo num grande debate no Congresso Nacional – e que é acompanhado inclusive no exterior – por meio do projeto de lei nº 2630/20, que busca instituir a Lei Brasileira de Liberdade, Responsabilidade e Transparência na Internet. O debate está acalorado.

Contudo, o que se propõe aqui não é uma longa exposição das mais diferentes polêmicas, mas apenas abordar, do ponto de vista teórico, com apoio da bibliografia apropriada, as conexões desses temas com a Fake News e a desinformação e seus impactos e desafios na contemporaneidade. Para atingir esse propósito, esse trabalho tem, afora essa seção, mais duas, além das considerações. Na primeira delas, buscar-se-á circunscrever os principais conceitos e de que forma eles se inserem no ambiente político; e, na segunda, o contexto da pós-verdade, que amplifica o sucesso das narrativas inverossímeis, até mesmo as mais absurdas, que estão a serviço de grupos de interesses bem definidos.

## Inverdades e suas variantes atuais

*Se meus inimigos pararem de dizer mentiras a meu respeito, eu paro de dizer verdades a respeito deles.*

Adlai Ewing Stevenson II.

A teleologia, que é bastante utilizada no direito, pode ajudar, em muito, na análise daquilo que, hoje, definem como Fake News. Grosso modo, a análise teológica busca o estudo filosófico dos fins, isto é, do propósito, objetivo ou finalidade. A Fake News não é uma espécie de erro qualquer, tem que haver dolo para que seja assim caracterizada. Caso não haja a intenção de produzir e espalhar uma notícia falsa, não se pode conceituá-la como Fake News. Assim, as Fake News não são a barrigada fruto do desleixo do repórter, pois têm a intenção de enganar, em favor de um lado específico. São, em realidade, a mentira intencional – que têm enorme capacidade de difusão – a serviço de alguma causa escusa<sup>1</sup>.

A investigação de Guess et al. (2018) sobre o consumo de fake news nas eleições dos Estados Unidos apontou que uma em cada quatro pessoas foi exposta a fake news. Entretanto, essas notícias falsas representaram apenas 2,6% do total. O estudo mostra ainda que 60% das visitas às fake news encontradas ficaram restritas a 10% do eleitorado, de viés mais conservador. Os autores concluem, assim, que o fenômeno ainda é localizado.<sup>2</sup>

As Fake News não são mero proselitismo, têm um objetivo bem mais amplo. Em muitas oportunidades, buscam conspurcar algo, alguém, uma ideia ou conceito; disseminar o pânico, ou encontrar um inimigo imaginário, ou mesmo transformar um adversário em alguém que deva ser tratado de maneira hostil. Enfim, Fake News só nasce num ambiente de ausência de boa-fé. É fruto de dolo, não de erro escusável.

Em primeiro lugar é importante diferenciar fake news de desinformação. Grosso modo, podemos compreender fake news como notícia falsa, e o termo tem sido usado por grupos poderosos com objetivo de atacar a credibilidade de conteúdos jornalísticos e informativos. Desinformação é um fenômeno mais complexo, que pode ser desde informações falsas, inexatas ou deturpadas e que causam um prejuízo público, muitas vezes podem ser compartilhadas

---

<sup>1</sup> PINHEIRO, Joel. *Fake News e o futuro da nossa civilização* in BARBOSA, Mariana (org.). **Pós-verdade e Fake News: reflexões sobre a guerra de narrativas**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019, p. 87.

<sup>2</sup> DELMAZO, Caroline; VALENTE, Jonas. C. L. *Fake News online social media: propagaton and reactions to misinformation in search of clicks*. Universidade de Coimbra: Coimbra, nº 32. Vol. 18, nº 1, 2018, p.8.

pelos redes sociais por pessoas que não checaram a veracidade da informação e a compartilharam.<sup>3</sup>

Complementarmente, para distinguir a Fake News da desinformação, sob outra perspectiva, pode-se recorrer à forma deliberada com que a primeira se mostra e a verossimilhança em que a segunda se apresenta. No primeiro caso, com algum cuidado fica mais evidente a constatação do objetivo abjeto, no outro, nem tanto. Requereria, portanto, recorrer ao *pensamento devagar*, no sentido de Kahneman [tratado mais adiante], e, com o perdão do jogo de palavras, num tempo em que não se tem tempo, isto é, em tempos líquidos.

*‘Fake news’ is information that has been deliberately fabricated and disseminated with the intention to deceive and mislead others into believing falsehoods or doubting verifiable facts; it is disinformation that is presented as, or is likely to be perceived as, news.*<sup>4</sup>

Claro que essa discussão remete à índole do homem. Mau ou bom, em essência? Centenas de anos e essa questão permanece sem solução pronta e acabada. “Os homens são maus: uma triste e contínua experiência dispensa a prova; no entanto, creio ter demonstrado que o homem é naturalmente bom”.<sup>5</sup>

Não concluamos com Hobbes, principalmente, que, por não ter nenhuma ideia da bondade, o homem é naturalmente mau, que é vicioso porque não conhece a virtude e que recusa sempre a seus semelhantes serviços que julga não lhes dever; nem concluamos que, em virtude do direito que se atribui com razão sobre as coisas de que necessita, ele se imagine loucamente ser o único proprietário de todo o universo.<sup>6</sup>

Como se pode notar, a questão da bondade ou maldade não está pacificada, como diriam os juristas, na literatura, ainda que muito tempo depois das discussões filosóficas entre Rousseau e Hobbes. Assim, também não nos cabe aqui, nesse espaço e com o objetivo proposto, alongar ainda mais esse debate. Todavia, o que está claro é que num contexto de Fake News, a intenção principal não está na notícia, mas sim em algo que é

---

<sup>3</sup> SEGURADO, Rosemary; CHICARINO, Tathiana; NETO, João Vieira. *Avanços e retrocessos na comunicação e na informação no Brasil* in COSTA, Greiner; POCHMANN, Márcio (org). **O Estado como parte da solução: uma análise dos desafios do desenvolvimento brasileiro**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2020, p. 390.

<sup>4</sup> MACGONAGLE, Tarlach. *‘Fake News’: false fears or real concerns?* Institute for Information Law: Amsterdam, 2017, p. 1.

<sup>5</sup> ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. L&PM Pocket. Edição do Kindle.

<sup>6</sup> COMTE-SPONVILLE, André. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 213-5.

subliminar, embora nem sempre. No ambiente da disputa política e de instituições débeis isso se acirra ainda mais.

[...] a luta partidária assume formas particularmente secundárias, pois é motivada por interesses puramente materiais e pessoais. É possível e necessário utilizar os meios proporcionados pelo direito criminal para lutar contra os ataques políticos dirigidos contra a honra pessoal e vida particular de um adversário e contra a inescrupulosa disseminação de inverdades sensacionalistas<sup>7</sup>.

Com a crise de credibilidade das instituições que o mundo assiste, o ambiente de desconfiança ganha especial contorno. Nesse sentido, com vistas a explorar um pouco melhor essa questão, vale uma digressão.

Não que seja um marco histórico específico, mas, desde a invasão do Iraque, “pelos aliados”, a verdade e as instituições, conseqüentemente, estão em xeque, de forma mais intensa e agressiva. E é de fundamental importância para o funcionamento adequado de uma sociedade moderna, instituições críveis. As instituições – fortalecidas – parecem ser uma boa alternativa, ao atual momento de descrédito. Resultado de pesquisa que levou o institucionalista Douglass C. North<sup>8</sup>, a ser laureado com o Prêmio Nobel de Economia em 1993, as Instituições (e as restrições por elas impostas) podem ser a resposta à essa instabilidade intrínseca à Vida Líquida, no sentido baumaniano do termo, sem que impeçam a evolução da humanidade. Segundo o premiado pela academia sueca:

*Institutions are the humanly devised constraints that structure political, economic and social interaction. They consist of both informal constraints (sanctions, taboos, customs, traditions, and codes of conduct), and formal rules (constitutions, laws, property rights). Throughout history, institutions have been devised by human beings to create order and reduce uncertainty in exchange.*<sup>9</sup>

---

<sup>7</sup> WEBER, Max. **Governo parlamentar e democrático**. Coleção os Economistas. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda. 1997, p. 101.

<sup>8</sup> Em verdade, há uma Escola Institucionalista, cujas origens remontam ao final do século XIX e início do XX. Seu fundador foi Thorstein Veblen. Outros nomes relevantes também fazem parte desses pensadores institucionalistas como Wesley C. Mitchell, John Commons, Clarence E. Ayres e John K. Galbraith, além de Douglas C. North. A visão institucionalista é sistêmica; holística sobre a sociedade. Para eles, política, sociologia, economia, leis, costumes, ideologia, tradição e outras áreas de crença e experiências humanas devem ser consideradas em prol da prosperidade numa abordagem evolutiva inspirada em Darwin. Para uma análise mais profunda do tema, ver: BRUE, S. L. **História do pensamento econômico**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005, p. 365 e seguintes.

<sup>9</sup> NORTH, D. C. *Institutions*. **Journal of Economic Perspectives**- Volume 5, Number 1-Winter 1991- Pages 97-112

Note-se que, desde que o país do oriente médio, rico em petróleo foi invadido, sob a alegação de que possuiria armas de destruição em massa, sobretudo químicas, a verdade foi relativizada. Senão por ter perdido importância, ao menos pelo fato de que, não constatada a existência de tais armas, nada ocorreu contra quem usou politicamente da inverdade para atingir seus objetivos e de seus patrocinadores que depois ganharam bilhões na “reconstrução” da terra que eles próprios arrasaram. Enfim, a sequência de fatos e as constatações que podem ser feitas agora, sob o crivo da história, mostram que a boa-fé esteve ausente nesse caso.

Não, claro, que a boa-fé valha como certeza, nem mesmo como verdade (ela exclui a mentira, não o erro), mas que o homem de boa-fé tanto diz o que acredita, mesmo que seja enganado, como acredita no que diz. É por isso que a boa-fé é uma fé, no duplo sentido do termo, isto é, uma crença ao mesmo tempo que uma fidelidade. É crença fiel, e fidelidade no que se crê. Pelo menos enquanto se crê que seja verdade. Vimos, a propósito da fidelidade, que ela define muito bem a boa-fé ser de boa-fé não é sempre dizer a verdade, pois podemos nos enganar, mas é pelo menos dizer a verdade sobre o que cremos, e essa verdade, ainda que a crença seja falsa, nem por isso seria menos verdadeira.<sup>10</sup>

Trazendo um pouco mais para os dias atuais, a política tem se mostrado campo fértil para todo o tipo de manipulação da verdade, principalmente como “armas” nas mãos de líderes populistas muito mais preocupados com seus objetivos do que com os meios ou com a ética. No limite, são contraexemplo do que sugere Weber, ao afirmar que: há, por fim, o dever da verdade. É também ele incondicional, do ponto de vista da ética absoluta<sup>11</sup>. Registros desses contraexemplos são abundantes.

Os defeitos e vícios dos líderes populistas se transformam, aos olhos dos eleitores, em qualidades. Sua inexperiência é a prova de que eles não pertencem ao círculo corrompido das elites. E sua incompetência é vista como garantia de autenticidade. **As tensões que eles produzem em nível internacional ilustram sua independência, e as fake news que balizam sua propaganda são a marca de sua liberdade de espírito. No mundo de Donald Trump, de Boris Johnson e de Jair Bolsonaro, cada novo dia nasce com uma gafe, uma polêmica, a eclosão de um escândalo<sup>12</sup>.** (Grifamos).

Governos conservadores e populistas encontraram, por meio da internet, meios eficazes de angariar adeptos aos seus discursos que, em muitas vezes, são simplesmente de ódio contra grupos considerados inimigos. Aliás, sempre precisam de um inimigo para

<sup>10</sup> HOBBS, Thomas. **O Leviatã**. Edição do Kindle, p. 1529.

<sup>11</sup> WEBER, Max. **Ciência e Política - Duas Vocações**. Editora Cultrix. Edição do Kindle.

<sup>12</sup> EMPOLI, Giuliano. **Os engenheiros do caos**. Vestígio Editora. Edição do Kindle, 2019.

poderem prosperar, seja ele real, numa visão idiossincrática, ou imaginário, na realidade. A lista é grande. Os imigrantes, a imprensa, a velha luta de classes entre os possuidores e despossuídos, quer seja dos meios de produção ou mesmo de meios elementares de subsistência, são encarados como o outro, que precisa ser eliminado, não compreendido, menos ainda ajudado, ou talvez até mesmo criticado. Só cabe a aniquilação.

Já a emergência dessa onda de governos conservadores, que inundaram a política contemporânea, não se limita a retornar ao passado, nem funciona como mera reencarnação dos fascismos e populismos perdidos na história da primeira metade do século XX. O certo é que se trata de fenômeno tão moderno como complexo. Os populismos de agora abusam das novas formas de comunicação virtual com a justificativa de que não precisam de intermediários para se dirigirem ao povo; não têm nenhum escrúpulo em manipular e explorar fake news como se fossem verdades comprovadas; vendem para si uma imagem de lisura e correção na gestão do governo, tratando de obliterar seus próprios maus exemplos; acusam os demais de corrupção, não estando eles distantes dessa prática; se autodenominam como “novos” quando estão faz tempo na política e vivem dela; abusam de mensagens moralistas apoiando-se fortemente em conceitos como religião, família e nação<sup>13</sup>.

Como mencionado anteriormente, não é que inverdades na política sejam novidade. Não são. Contudo, o que a internet promoveu foi a capacidade exponencial de alcance – e o barateamento da disseminação e “fabricação” da mentira, travestida com o verniz da verdade.

No sentido da fabricação da realidade, atualmente, acompanha-se o aumento exponencial da produção de notícias falsas na internet. Apesar de, por um lado, as redes digitais permitirem acesso e compartilhamento de conteúdo de variados assuntos, contemplando particularidades de diversos atores sociais, por outro **o meio online também trouxe consigo a facilidade de proliferação das fake news.**<sup>14</sup> (Grifamos).

Não se pode negligenciar outro aspecto humano, envolto na forma de construção do nosso raciocínio e que tem sido alvo de pesquisas intensas, especialmente na área da economia. Nossa arquitetura cognitiva nos faz dar ouvidos às fofocas; por quê? Porque é muito mais fácil, além de ser muito mais prazeroso, identificar e classificar os erros dos outros do que reconhecer nossos próprios erros<sup>15</sup>.

Um recente estudo do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) demonstrou que uma falsa informação tem, em média, 70% a mais de

<sup>13</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. Companhia das Letras. Edição do Kindle.

<sup>14</sup> CONCEIÇÃO, Desirée Luíse Lopes. *Internet e cidadania: o estímulo ao debate político por meio do jornalismo fact-checking – Um estudo de caso do projeto “Truco!”*. Dissertação – Mestrado em Ciências Sociais. PUC-SP, 2018, p. 146.

<sup>15</sup> KAHNEMAN, Daniel. **Rápido e devagar: Duas formas de pensar**. Objetiva. Edição do Kindle.

probabilidade de ser compartilhada na internet, pois ela é, geralmente, mais original que uma notícia verdadeira. Segundo os pesquisadores, nas redes sociais a verdade consome seis vezes mais tempo que uma fake news para atingir 1.500 pessoas. Temos, enfim, a confirmação científica da frase de Mark Twain segundo a qual “uma mentira pode fazer a volta ao mundo no mesmo tempo em que a verdade calça seus sapatos”!<sup>16</sup>

Todavia, se a Fake News prospera tão facilmente e de forma barata, o mesmo não ocorreria com a notícia verdadeira e de qualidade jornalística, por quê? Sem dúvida isso passa por fatores psicológicos, não somente comerciais. Há um certo furor em ler algo chocante, ainda que inverossímil, não é por outra razão o “sucesso” do terraplanismo. Isso foi muito bem capturado pelas equipes políticas e pelos algoritmos sofisticados. Brittany Kaiser trata do assunto e expõe as entranhas de uma engenhoca cibernética que fica à disposição para trabalhar “quase sempre debaixo dos panos” para quem pagar bem. Como contrapartida, fazer o que for encomendado, independentemente do que venha a causar, não apenas localmente, mas no mundo, desde que, claro, seja lucrativo.<sup>17</sup>

---

<sup>16</sup> EMPOLI, Giuliano. **Os engenheiros do caos**. Vestígio Editora. Edição do Kindle, 2019.

<sup>17</sup> KAISER, Brittany. **Manipulados: como a Cambridge Analytica e o Facebook invadiram a privacidade de milhões e botaram a democracia em xeque**. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2020, p. 203.

## **Pós-verdade: a admissão das narrativas inverossímeis**

Claro que ainda há muito academicismo no que tange ao termo “pós-verdade”. Isto é, a discussão ainda está adstrita aos meios acadêmicos e teóricos. Em outras palavras, não é possível afirmar que tenha se tornado popular o uso e o debate sobre pós-verdade. Não ao menos com essa denominação. Todavia, isso parece estar mudando aos poucos. Para exemplificar o uso do termo, num contexto diferente do meio da pesquisa, o BNDES, com vistas a esclarecer os mitos que foram criados, com cunho eminentemente político, para criticar os governos anteriores, especialmente do Partido dos Trabalhadores, usou o seguinte parágrafo numa publicação destinada a qualquer interessado:

*O Livro verde é uma singela contribuição para tornar esse debate o mais amplo e bem-informado possível, sem a inconveniente repetição de fantasias ou “pós-verdades” sobre as atividades do Banco, que não servem senão para poluir a cristalina história de uma instituição vencedora.<sup>18</sup> (Grifamos).*

Como se pode notar, a publicação do BNDES não tem caráter acadêmico, mas sim uma espécie de informativo à sociedade. Mal comparando, trata-se de uma espécie de “Carta ao Povo Brasileiro”, só que com a mesma conotação: ao mercado financeiro e ao mundo político. Nesse aspecto o banco de fomento faz questão de dizer, ainda que tardiamente, que prosperou uma boataria, certamente orquestrada, com a finalidade clara de uso político das operações financeiras coordenadas por um dos maiores bancos de desenvolvimento econômico do mundo. Dito de outra maneira: a pós-verdade, nesse caso, serviu para “colar” no “PT” a pecha da corrupção, desvios e desmandos, sem entrar no mérito de casos específicos cujo Judiciário já se manifestou de um lado ou de outro, isto é, inocentando e condenando.

O que se depreende, ao final, é que as instituições, quando frágeis, também dão combustível adicional à proliferação de Fake News e de desinformação, diante de interesses econômicos e políticos amorais, já que alheios à questão moral, como também imorais em muitas oportunidades. Metaforicamente, a lógica, nesse meio, reiteradamente, é a de separar o joio do trigo e dar atenção ao joio.

Se o fracasso institucional erodiu a primazia da verdade, também para isso contribuiu a indústria multibilionária da desinformação, da propaganda enganosa e da falsa ciência que surgiu nos últimos anos. Da mesma forma que a pós-verdade não é simplesmente outro nome para a mentira, essa indústria

---

<sup>18</sup> BNDES. **Livro verde: nossa história tal como ela é**. Rio de Janeiro: BNDES, 2017, p. 2.

não tem nada a ver com as ações de *lobby* e as relações corporativas legítimas.<sup>19</sup>

Não é uma circunstância brasileira o uso da manipulação da verdade com uso político, como vimos. Como dito anteriormente também, sempre há que se ter um inimigo nessa narrativa que usa a pós-verdade para atingir objetivos cuja ética sequer é vislumbrada. A corrente conservadora, do ponto de vista político, é recorrente no uso desse recurso.

Na primeira coletiva de imprensa de Trump como presidente eleito dos Estados Unidos, ele chamou a CNN de “fake news”, referiu-se ao BuzzFeed como “um monte de lixo”, exclamou “essa é outra”, sobre a BBC, e acusou a imprensa como um todo de “desonesta”. Em seu primeiro dia efetivo no gabinete, mandou a porta-voz fazer uma série de pronunciamentos falsos sobre “as reportagens deliberadamente falsas” da imprensa. Durante os primeiros meses de mandato, se aperfeiçoou excluindo jornais importantes de um briefing na Casa Branca e rotulando veículos de comunicação, do New York Times à CNN, de “inimigos do povo americano”.<sup>20</sup>

Pena que algo que Mill pensou que já estivesse resolvido tenha que voltar a ser tratado. A imprensa livre – mas responsável – está sob ataque.

Já passou o tempo, assim se espera, em que seria necessária uma defesa da liberdade de imprensa como uma das salvaguardas contra um governo corrupto ou tirânico<sup>21</sup>.

Seria impossível prosperar, a Fake News e a desinformação – assim como toda a mensagem – sem um dos lados elementares da comunicação: um emissor e outro receptor. Não se trata de algo mais sofisticado ser aqui abordado, apenas aspectos rudimentares, no que tange à comunicação. Tão importante de dizer o que é, vale frisar, o que não é Fake News e desinformação.

Nesse sentido, muito diferente da busca apropriada pela comunicação eficaz e que busca conscientizar, aquela cuja verdade é a matéria-prima, no caso das Fake News, não é almejado reunir a competência e o desempenho no sentido de Chomsky, de forma a propiciar o entendimento correto dos enunciados<sup>22</sup>. Aliás, as narrativas que têm as Fake

---

<sup>19</sup> D’ANCONA, MATTHEW. **Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de Fake News**. Ed. Faro Editorial. 2018, p. 4.

<sup>20</sup> MOUNK, Yascha. **O povo contra a democracia**. Companhia das Letras. Edição do Kindle, p. 797.

<sup>21</sup> MILL, Stuart. **Sobre a liberdade**. Hedra. Edição do Kindle, p. 534.

<sup>22</sup> Explica FIORIN, José Luiz. (Org), *et. all*. **Introdução à linguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2012, p. 15: “Chomsky distingue *competência de desempenho*. A *competência* linguística é a porção do conhecimento do sistema linguístico do falante que lhe permite produzir o conjunto de sentenças de sua língua; é um conjunto de regras que o falante construiu em sua mente pela aplicação de sua capacidade inata para aquisição da linguagem aos dados linguísticos que ouviu durante a infância. O *desempenho*

News e a desinformação como objetivo é exatamente o contrário que se busca: confundir, obnubilar.

Adicionalmente, um outro aspecto interessante a ser reforçado é o de que, se a Fake News e a desinformação, ambas portanto, estão relacionadas à intenção determinada em distorcer os fatos e/ou dados que, no limite, vão – ou que têm o potencial de prejudicar alguém –, elas são, assim, reprováveis, do ponto de vista do comportamento social desejado.

Claro que não há espaço, tampouco esse trabalho se destina a uma investigação em relação às motivações psíquicas do fato de que, deliberadamente, essas “falsidades” sejam criadas e replicadas, mas vale lançar, ainda que brevemente, algumas inquietações acerca desse assunto.

Vale retomar, emissor e receptor são elementos centrais do processo de comunicação. Se esse emissor tem objetivos escusos e encontra *troll*'s<sup>23</sup> à sua disposição, a informação que chega aos receptores é ainda mais perigosa. Some-se a isso, que o emissor pode simplesmente ser classificado como um sociopata e sua mensagem ter ainda menos filtros, circulando por um ambiente aberto, apta a prosperar como verdade em mentes idênticas. Apenas de forma propedêutica, vale fazer uma breve digressão, sobre esse ponto.

Evidentemente que não se pode concluir que alguém é acometido de um distúrbio psicológico apenas por uma análise superficial clínica. Entretanto, chama a atenção o fato de que, conforme o Manual de Diagnósticos de Distúrbios Mentais, da Associação Americana de Psiquiatria, o diagnóstico clínico do Transtorno da Personalidade Antissocial (TPA) pode ser verificado se, alguém submetido às análises da tabela a seguir, apresentar três das sete características.

---

corresponde ao comportamento linguístico, que resulta não somente da competência linguística do falante, mas também de fatores não linguísticos de ordem variada [...] o desempenho pressupõe a competência, ao passo que a competência não pressupõe desempenho”.

<sup>23</sup> *Troll*, na internet, define os usuários que disseminam a discórdia, a fúria e o caos nas redes sociais, com estratégias definidas, sempre que há um cunho político envolto.

Figura 1 - Base do Diagnóstico Clínico do Transtorno da Personalidade Antissocial [TPA]

Características: para o diagnóstico clínico TPA		sim	não
1	incapacidade de adequação às normas sociais		
2	falta de sinceridade e tendência à manipulação		
3	impulsividade, incapacidade de planejamento		
4	irritabilidade, agressividade		
5	permanente negligência com a própria segurança e a dos outros		
6	irresponsabilidade persistente		
7	ausência de remorso após magoar, maltratar ou roubar outra pessoa		

Fonte: STOUT, Martha (2010). Elaboração: Própria.

Com base na mesma obra, a autora destaca que uma, em cada 25 pessoas, é um psicopata – sem consciência, sem culpa e, o que é pior, pode ser qualquer um, inclusive alguém muito próximo. Fica a provocação: veja aqueles políticos que lideram grupos e que têm sido os principais beneficiados pelas *Fake News* e pela desinformação, no Brasil e no mundo. Avalie se a lista, descrita na tabela 1, revela alguma – e se sim quantas – características desses agentes políticos. Tem alguém em mente para iniciar o teste? Provavelmente. Todos – ou quase todos – conhecemos mitômanos.

E a questão que fica é: nas posições de poder eles não estariam? Teríamos políticos eleitos e no exercício de mandato público com essas propriedades apontadas no diagnóstico? Possivelmente sim, até mesmo porque uma das características da personalidade dos que sofre de TPA é um charme superficial que o torna sedutor para outras pessoas. Isso, *de per si*, dá votos. É ele, com frequência, mais interessante do que a maioria dos indivíduos “normais” à sua volta. Enfim, tem um carisma que é capaz de angariar seguidores e permite lavá-los a trilhar, todos juntos, empreitadas arriscadas. Não equivale dizer que esses personagens acometidos pelo distúrbio psíquico não tenham ciência do bem e do mal, mas isso, isoladamente, não limita suas ações e comportamentos.

Os sociopatas se destacam, afirmam os especialistas, pela superficialidade da emoção. Como resultado é possível presumir que esses seres têm, em si, ausência da consciência.<sup>24</sup>

Assim, considerando que: i) há, entre todos nós, o equivalente a 4% da população mundial sofrendo de algum tipo de sociopatia e estão do lado da emissão da comunicação e também da recepção; ii) a internet ampliou a comunicação; iii) a liberdade de expressão

<sup>24</sup> STOUT, Martha. **Meu vizinho é um psicopata**. Rio de Janeiro: Sextante, 2010, p. 18.

tem servido de manto para o discurso dos *troll's*; iv) muitos deles estão a serviço de políticos e grupos de interesse de matrizes de ultradireita; e v) há que se colocar algum regramento, sob pena da ruptura constante, ou mesmo permanente, do contrato verdadeiramente social, no sentido dado por Rousseau<sup>25</sup>.

---

<sup>25</sup> “Assim, para dar um único exemplo, o contrato social e as leis – se forem realizados segundo as regras e exigências que os fazem rigorosamente um contrato verdadeiramente social e leis que autenticamente o sejam, e não, nos dois casos, suas frequentes contrafações – podem sim reconstituir entre os homens um sucedâneo equivalente à igualdade natural.” in ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. L&PM Pocket. Edição do Kindle.

## Considerações Finais

Não é à toa que o projeto de lei que trata do assunto Fake News e desinformação, e que está no Congresso, suscita tanta discussão. Vários foram os adiamentos de votação, tendo em vista diferentes pontos de vista de setores distintos da sociedade. Parlamentares ligados ao governo e representantes das empresas de tecnologia, de um lado, dizem-se preocupados com a liberdade na rede, enquanto deveriam estar atentos às liberdades substantivas, o que denotaria liberdade em sentido amplo. De outro, há congressistas que perceberam que limites precisam ser postos às milícias digitais, por meio da transparência e da rastreabilidade. Embora não sejam necessariamente excludentes, esses pontos de vistas precisarão serem sopesados, de forma sincrética.

Críticas à parte, legislar sobre o assunto é necessário e urgente, muito embora esteja longe de ser trivial. Importante lembrar: a lei existe para limitar a liberdade natural dos indivíduos, naquilo que possam causar danos uns aos outros. Ainda mais relevante é considerar isso num mundo hiperconectado, repleto de *troll's* e com 4% de sociopatas, cujo sentimento de culpa ou remorso não lhes afeta, em absoluto.

É necessário o envolvimento de setores organizados da sociedade civil com vistas a barrar o poder destrutivo ideológico que pesa sobre a real democracia, que corre o risco de obliterar. Os exemplos recentes do *Brexit*, das eleições americanas e do gabinete do ódio reforçam essa tese. Em paralelo, fortalecer as instituições democráticas é algo basilar para que as liberdades substantivas possam coexistir com os preceitos da dignidade da pessoa humana, princípio fundante e civilizatório máximo esculpido ao longo do Art. 1º, III, da Constituição Federal. Eis o busílis.

Com efeito, não se pode negligenciar o fato de que as emoções negativas estão prontas para serem despertadas e a facilidade com que se pode fazer isso, por meio das redes sociais reveste o tema de seriedade. Basta lembrar, teorias da conspiração ganharam terreno fértil, tal qual o negacionismo, tão ou mais perigoso do que as mentiras revestidas de verniz, exatamente por conta da displicência de lideranças pró-democracia e direitos humanos, como também por lacunas normativas.

Não é prudente analisar o problema da Fake News e da desinformação, sob a possibilidade de aplicação da perspectiva teórica do mal menor. Não é por outra razão que ecoem, sem constrangimento, no Brasil atual, maus agouros que tangenciam com o

período das trevas, seja no que se refere ao pré-Iluminismo, tanto quanto do ponto de vista político com pedidos de retorno à ditadura, ainda que sob o manto de Poder Moderador (sic). Há que se prestar atenção aos acontecimentos, ainda que quase imperceptíveis, pois são eles que denotam os grandes eventos. Não basta, contudo, só atentar, há que se reagir, com veemência a esses arroubos, de forma que permaneçam apenas nas mentes sociopatas e antidemocráticas, sob pena desse repousar em histerese.

Há que se ter esperança, de outro lado, de que a norma apropriada, que vier a surgir dos debates no Legislativo, consiga equilibrar os princípios fundamentais à democracia, consubstanciados na liberdade de expressão e na proteção da dignidade da pessoa humana, está última ameaçada pelas Fake News e pela desinformação. Grupos ultraconservadores e, no limite, reacionários, têm usado desta tática nefasta para atingir seus objetivos abjetos e, desafortunadamente, com sucesso.

## Referências

- BNDES. **Livro verde: nossa história tal como ela é.** Rio de Janeiro: BNDES, 2017.
- BRUE, S. L. **História do pensamento econômico.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.
- COMTE-SPONVILLE, André. **Pequeno tratado das grandes virtudes.** São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- CONCEIÇÃO, Desirèe Luíse Lopes. *Internet e cidadania: o estímulo ao debate político por meio do jornalismo fact-checking – Um estudo de caso do projeto “Truco!”.* Dissertação – Mestrado em Ciências Sociais. PUC-SP, 2018.
- D’ANCONA, MATTHEW. **Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de Fake News.** Ed. Faro Editorial. 2018.
- DELMAZO, Caroline; VALENTE, Jonas. C. L. *Fake News online social media: propagaton and reactions to misinformation in search of cliks.* Universidade de Coimbra: Coimbra, nº 32. Vol. 18, nº 1, 2018.
- EMPOLI, Giuliano. **Os engenheiros do caos.** Vestígio Editora. Edição do Kindle, 2019.
- FIORIN, José Luiz. (Org), *et. all.* **Introdução à linguística.** São Paulo: Editora Contexto, 2012.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Edição Graal Ltda, 2003.
- HOBBS, Thomas. **O Leviatã.** Edição do Kindle.
- KAHNEMAN, Daniel. **Rápido e devagar: duas formas de pensar.** Objetiva. Edição do Kindle.
- KAISER, Brittany. **Manipulados: como a Cambridge Analytica e o Facebook invadiram a privacidade de milhões e botaram a democracia em xeque.** Rio de Janeiro: Harper Collins, 2020.
- MACGONAGLE, Tarlach. *‘Fake News’: false fears or real concerns?* Institute for Information Law: Amsterdam, 2017.
- MILL, Stuart. **Sobre a liberdade.** Hedra. Edição do Kindle.

MOUNK, Yascha. **O povo contra a democracia**. Companhia das Letras. Edição do Kindle, p. 797.

NORTH, D. C. *Institutions. Journal of Economic Perspectives*- Volume 5, Number 1- Winter 1991

PINHEIRO, Joel. *Fake News e o futuro da nossa civilização in* BARBOSA, Mariana (org.). **Pós-verdade e Fake News: reflexões sobre a guerra de narrativas**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. L&PM Pocket. Edição do Kindle.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. Companhia das Letras. Edição do Kindle.

SEGURADO, Rosemary; CHICARINO, Tathiana; NETO, João Vieira. *Avanços e retrocessos na comunicação e na informação no Brasil in* COSTA, Greiner; POCHMANN, Márcio (org.). **O Estado como parte da solução: uma análise dos desafios do desenvolvimento brasileiro**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2020.

STOUT, Martha. **Meu vizinho é um psicopata**. Rio de Janeiro: Sextante, 2010.

WEBER, Max. **Ciência e Política - Duas Vocações**. Editora Cultrix. Edição do Kindle.

WEBER, Max. **Governo parlamentar e democrático**. Coleção os Economistas. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda. 1997.